

# O que nos faz pensar

Grazielle Deltreggia

Resumo: Partindo do tema a “dês-construção do sujeito moderno”, a autora propõe neste texto tentar desenvolver algumas idéias contrapondo a concepção de pensamento de Descartes e de Bion e traçar alguns caminhos pelos quais foi operada essa desconstrução, assim como inserir na discussão os distúrbios do pensamento a partir da perspectiva bioniana.

## O Processo do Pensamento

Partindo do tema a “dês-construção do sujeito moderno”, proponho neste texto tentar desenvolver algumas idéias contrapondo a concepção de pensamento de Descartes e de Bion e traçar alguns caminhos pelos quais foi operada essa desconstrução, assim como inserir na discussão os distúrbios do pensamento a partir da perspectiva bioniana.

O primeiro ponto a esclarecer na teoria de Descartes é que, tudo está ancorado no Eu, vale dizer na consciência; sendo esta para o autor, sinônimo de alma e pensamento.

Antes de desenvolver a teoria de descartes, cabe lembrar que as incertezas e as inquietações que o levaram a criar seu método, sintetiza e expressa o estado de alma de seu tempo, situação existencial, que pode ser resumida em duas palavras: incerteza e confusão. Isto pode ser explicado pela história do século XVI, que foi marcada pelo enriquecimento do pensamento, descobertas no espaço e no tempo, alargamento geográfico e científico, ou seja, uma explosão de novas idéias. É o renascimento trazendo consigo um mundo esquecido e ao mesmo tempo um mundo novo, tendo como conseqüências, a destruição de antigas crenças, e a criação de um ambiente de intensa produção e incertezas. Portanto a crise que faz com que Descartes se coloque a “pensar” é uma crise da cultura de seu tempo e não uma crise pessoal.

Em meio a esse turbilhão de incertezas, Descartes se põe a refletir e constata que não tem certeza de nada, que muito do que concebia como verdadeiro, era na verdade duvidoso e incerto, não podendo crer nem ao menos no que via, pois pode haver um gênio maligno que o engana, não passando tudo de simples ilusões.

Põe-se então, a desfazer-se de todas as idéias e crenças recebidas, para que então se possa chegar a verdade. O método que desenvolve para alcançar este objetivo é colocar tudo em dúvida, por tudo sob o julgamento da razão.

Duvidar de tudo o que pareça confuso, a fim de que quando algo puder ser considerado verdadeiro, seja uma certeza inabalável, sendo pois “ a dúvida a pedra de toque da verdade” ( KOYRÉ:36).

Por meio da racionalização e do argumento da dúvida, Descartes chega a conclusão de que existe, “ não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa” (DESCARTES:100).

Tendo a certeza de que existe, Descartes vai mais adiante e verifica que o pensamento lhe pertence, sendo o único que não pode ser separado de si, uma vez que, o pensamento está diretamente ligado a dúvida: dessa forma enquanto ele duvidar, conseqüentemente existirá. Assim, chega a conclusão de que ele existe em todo momento em que duvida, ou seja, em que pensa, vale dizer “ Eu penso, logo sou”.

Portanto,

“o desfecho do exercício da dúvida é a certeza imediata sobre si do pensar- um saber puro ou de forma pura, isto é, um simples pensamento. É pelo pensar e somente graças a ele que eu sou sujeito. A subjetividade é algo meramente inteligível ou intelectualmente acessível e sustentável. Ela possui então, fundamentalmente, o caráter essencial do pensamento, Isto é, a universalidade...”(BICCA:157).

Dessa forma constitui-se a base do pensamento racionalista, afirmando que a origem fundamental de todo conhecimento está nos atos de apreensão do puro intelecto podendo a verdade ser encontrada apenas por meio da razão.

Segundo Luiz Bicca, “os racionalistas enfatizam a subjetividade do Eu. O conceito de racionalismo é o da consciência de si”. (BICCA:155).

Descartes “sela o destino da moderna concepção de racionalidade ou de razão como articulada profunda e necessariamente com o conceito paradigmático de subjetividade. A partir daí “subjetividade” passa a remeter obrigatoriamente a conceitos como Eu, consciência e consciência de si. A subjetividade é acessível por meio de uma autocertificação de cunho intelectual ou espiritual”(BICCA:155).

A concepção de *pensamento* de Descartes difere da leitura psicanalítica, principalmente na medida em que ancora o pensamento na razão e na consciência. O pensamento só se dá no nível do racional, é o sujeito que elabora os pensamentos.

O pensar para Descartes é ser, já para Bion o *pensar* é um processo que envolve o desenvolvimento dos pensamentos e o parêntese de pensar. Daí vem a sua famosa frase: “os pensamentos estão a procura de pensadores”, ou seja, o pensar passa a existir para dar conta dos pensamentos; sendo o pensar um desenvolvimento imposto à psique pelos pensamentos.

Antonio Muniz Rezende faz um paralelo, usando a concepção de Descartes com a de Bion, através de algumas comparações: Não sei, logo sou; não sei, logo sou e não sei-Ò, logo sou, ou seja, para Descartes não saber, a dúvida é o pensar, já para Bion o não sei, ou seja, a capacidade de superar a frustração é que faz pensar.

Os pensamentos podem ser classificados, segundo Bion em pré-concepções, concepções ou pensamentos e conceitos- que são concepções ou pensamentos firmados.

Pode-se entender melhor esta idéia através das concepções de Melanie Klein em relação ao bebê e ao seio materno. O bebê tem uma pré-disposição inata à expectativa de um seio. Podemos relacionar esta pré-disposição com a pré-concepção e dizer que quando esta é posta em contato com uma realização positiva, o produto mental que ocorre é uma concepção, ou seja, uma satisfação que leva ao conhecimento. Todavia, quando temos uma pré-concepção e ocorre uma realização negativa, ou seja, uma não-realização, o que acontece é um pensamento e conseqüentemente o desenvolvimento do aparelho para pensá-lo.

Tudo isto, nos leva a concluir que a frustração leva ao pensamento, faz pensar. Cabe lembrar, contudo, que isto ocorre somente se a capacidade de tolerar frustração for suficiente, só assim o não-seio se transforma num pensamento e desenvolve-se um parêntese para pensá-lo, tendo a possibilidade de modificá-la. Quando há “tolerância à frustração, o

sujeito põe-se a pensar, não só em busca de uma solução, mas no sentido de compreender melhor a realidade, tanto externa como interna. A relação que há entre a realidade, a frustração e o pensamento é exatamente esta: a frustração faz pensar, dependendo de haver tolerância. Não havendo tolerância, o sujeito atua, passando diretamente da paixão para a atuação, em dois tempos. Havendo tolerância, as coisas se passam em três tempos: emoção, pensamento, ação. Ao contrário, a atuação não é preparada pelo pensamento” (REZENDE:176).

Se a pessoa não conseguir tolerar a frustração, o que ocorre é a fuga, um afastamento significativo dos fatos; sendo que o processo que deveria resultar num pensamento, um produto da justaposição da pré-concepção e a “realização negativa”, se torna um objeto mau, prestando-se à evacuação. Desta maneira o desenvolvimento de um aparelho para pensar fica comprometido e no seu lugar ocorre o desenvolvimento do aparelho de identificação projetiva.

A predominância da identificação projetiva faz com que haja uma confusão entre o Eu e o objeto externo, não havendo percepção de dualidade, uma vez que está ligada ao reconhecimento da diferenciação entre sujeito e objeto.

Caso a intolerância a frustração não seja tão intensa a ponto de que seja realizada a fuga, mas o seja a ponto de impedir o predomínio do princípio da realidade, o que se desenvolverá será a onipotência, não havendo atividade psíquica que distinga o verdadeiro do falso, estando a consciência diretamente ligada, uma vez que, esta substitui o aprendizado através da experiência, o verdadeiro e o falso por uma afirmação ditatorial de que algo é certo ou não.

Portanto, a frustração faz com que desenvolvamos um aparelho de pensar, para acolher os pensamentos ou um aparelho de projeções, através do qual projetamos tudo o que consideramos ruim e não conseguimos suportar, expelindo no outro tudo o que é mau e ficando apenas com o que consideramos bom.

Segundo Rezende, os princípios do prazer e da realidade estão ancorados nesse conceito bioniano de pensamento, uma vez que estão ligados a frustração e a satisfação, ou seja, “ uma pessoa satisfeita não pensa mais. Goza, mas não pensa”. (REZENDE: 43).

A angústia também é importante no que diz respeito à reflexão sobre o pensamento, pois este é uma forma de lidar com a frustração e a angústia dela decorrente, através da fuga ou modificação da realidade.

Um pressuposto básico da teoria de Bion é a diferença entre pensamento e conhecimento, já que o pensamento ocorre quando há uma realização negativa da pré-concepção e conseguimos superar a frustração, forçando-nos a pensar; todavia, o conhecimento ocorre quando há uma realização positiva da pré-concepção levando este a satisfação.

Nas palavras de Antonio Muniz Rezende: “O conhecimento e o limite do pensamento. Segundo Kant, só podemos conhecer dentro de certos limites. Aliás, a palavra definição comporta “finis” que, em latim, significa limite. Definir é delimitar a esfera do conhecimento, uma esfera que se insere dentro de um espaço, que se confronta com o pensar, o sentir, o dizer e o ser. Estes são abertos. O único fechado é o espaço do conhecimento. Claro que o conhecimento progride. Mas progride em função do pensamento. Eu quase diria aprendendo com a experiência de pensar. Uma boa interpretação faz pensar e, se faz pensar, os terminais abertos põem o universo mental em expansão, de tal forma que a dificuldade passa a ser então a de acompanhá-la”( REZENDE:45).

A teoria do pensar de Heidegger possui alguns pontos em comum com a de Bion, no ponto em que o primeiro afirma que “o homem pode pensar à medida que tem a possibilidade para tal. Tal ser-possível, porém, ainda não nos garante que o possamos. Pois ser na possibilidade de algo quer dizer: permitir que algo, segundo seu próprio modo de ser, venha para junto de nós; resguardar insistentemente tal permissão”( HEIDEGGER:111). A possibilidade para pensar em Heidegger equivale ao aparelho de pensar em Bion, ou seja, o ser possível pensar não garante que o façamos, assim como para Bion temos a possibilidade de escolher se diante da frustração fugimos ou pensamos, se desenvolvemos ou não o aparelho para receber os pensamentos.

Heidegger afirma que devemos aprender a pensar e isso se dá à medida que voltamos nossa atenção para o que cabe pensar cuidadosamente, sendo isto “o pensável”. Para ele todo “pensável” dá a pensar, ou seja, primeiro existe o pensamento e depois a atividade de pensar, assim como para Bion primeiro existe os pensamentos e estes, estão a

procura de pensadores, vale dizer, de pessoas com aparelhos de pensar desenvolvidos prontas para “acolher” os pensamentos.

“O *pensável* é o que dá a pensar. A partir de si mesmo, ele nos fala de modo tal que nós nos voltamos para ele\_ e, na verdade, pensando. O *pensável* dá a pensar. Ele dá o que tem em si. Ele tem o que ele próprio é” (HEIDEGGER:113).

A psicanálise de Bion é a psicanálise do pensamento, e desta forma ele estuda os distúrbios que estão relacionados ao pensamento, vale dizer, o distúrbio psicótico, neurótico e o esquizofrênico.

O problema do psicótico coloca-se em relação ao real, em entrar em contato com a realidade para poder pensar; em como lidar com a frustração que o real lhe impõe, tendo sérios problemas com o princípio da realidade. O agir psicótico é a atuação, caracterizada em primeiro lugar pela ausência de pensamento, em virtude da intolerância; ele não se dá tempo para pensar, recusando-se a crescer e trocando o aparelho para pensar, por um aparelho de fazer projeções.

Já o aparelho do pensamento neurótico, coloca-se em relação ao imaginário, a “neurose é uma defesa contra a psicose, em uma fuga para o espaço imaginário, como uma tentativa de regredir para o princípio do prazer pelo o qual a criança é regida” (REZENDE: 182). O neurótico possui problemas com o princípio do prazer e diante da frustração com a realidade, e para não psicotizar, ele refugia-se no imaginário, uma vez que este, segundo Lacan, é o espaço do gozo. Já que a realidade é frustrante, o neurótico procura o imaginário que lhe dá prazer, colocando uma fantasia no lugar de uma frustração. O sonho possui uma estrutura neurótica, sendo a realização alucinada de um desejo frustrado, sendo que o neurótico tem em estado de vigília, algo correspondente ao sonho.

A problemática do esquizofrênico, enfatiza principalmente o simbólico, há imensa dificuldade em simbolizar, seja em relação ao conceito e sua articulação em um discurso, seja em relação a comunicação com outras pessoas, sendo a esquizofrenia um tipo de psicose com características especiais em relação ao pensamento. Segundo Melanie Klein, a posição esquizoparanóide possui sete defesas características, que são: cisão, projeção, negação, idealização, onipotência, onisciência e abafamento das emoções.

No distúrbio esquizofrênico ocorre a fragmentação do *self*, tornando também fragmentada a linguagem e o pensamento a partir do sujeito dividido. Por meio desta

fragmentação, o indivíduo não consegue perceber o sentido das palavras, e desta maneira não consegue pensar.

Nestas poucas linhas acima tentei pensar as estruturas psicanalíticas a partir da perspectiva bioniana e com a ajuda dos grandes teóricos sobre o pensamento moderno, fazer uma ponte entre o pensamento e seus distúrbios.

## Bibliografia

BICCA, L. “Racionalidade moderna e subjetividade” e “ A subjetividade moderna: impasses e perspectivas”. In: *Racionalidade moderna e subjetividade*. São Paulo, Edições Loyola, 1997.

BION, W.R. “Uma teoria sobre o pensar”. In: *Estudos psicanalíticos revisados(Second Thoughts)*. Rio de Janeiro, Imago, 1994.

DESCARTES, R. “Meditações” (Duas primeiras Meditações). In: *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

HEIDEGGER, M. “O que quer dizer pensar?”. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis, Vozes, 2002.

KOYRÉ, A. *Considerações sobre Descartes*. Lisboa, Presença, 1992.

REZENDE, A. M. “ Bion e o Futuro da Psicanálise”, “ Pensamento, Atividade e Processo de Pensar”, “Distúrbios de Pensar e seu Tratamento Psicanalítico”, “ Pensar Psicanaliticamente a Psicanálise com a ajuda de Bion”, “ Bion, Bhagavad Gitá\_ da Índia para a Inglaterra e o Mundo”. In: *Bion e o Futuro da Psicanálise*. Campinas, Papirus, 1993.

- “Distúrbios do pensamento: o pensamento psicótico”, “ O pensamento neurótico”, “ O pensamento esquizofrênico” In: *Wilfred R. Bion: uma psicanálise do pensamento*. Campinas, Papirus, 1995.